

ARMANDO MAURO

PAÍS REAL:
UM REGRESSO

Associação Portuguesa de Escritores
Prémio de Conto “Portugal 2050”

Eis que caminha na manhã de névoa

Almeida Faria *A Paixão*

*Chegou a hora em que a gente se
ergue
e em que fala
aos séculos
à História*

ao universo

V. Maiakowski,
Poemas Póstumos

*Madrugo. Estão-se a passar coisas
raras.*

Maria Velho da Costa, *Casas Pardas*

CAMÕES, UM REGRESSO

A ASCENSÃO DA ESTREITA ESCADA ESCURA e tão a pino, com os degraus muito altos, era, sempre que voltava a casa, uma tortura. À força de equilíbrios, meio encostado à parede, cuja cal já se esvaíra havia muito e até nas suas costas, e apoiando em viés uma das muletas no extremo oposto do degrau de cima, ia subindo cuidadosamente, num resfolegar de raiva pela lentidão. Toda a unção adquirida na conversa com os frades de São Domingos, a cujas prelecções regularmente assistia, ficando depois a disreter com eles, se perdia naquele regresso a casa, ao fim da tarde [...]

Recuava na página e devolvia à página o seu olhar saudoso, sereno, mas por dentro a sensação do abandono numa cidade também ela, naquele tempo, à sua sorte abandonada. Regressa ao caderno de notas e rabiscos, pontuado, esse caderno por linhas de horóscopos antigos, por papéis velhos que

organizava e desorganizava tentando encontrar neles sinais inequívocos de que o tempo era chegado. Aquelas palavras do discurso clássico não o incomodavam – eram o seu refúgio, seu refrigerio.

Escrevia noite dentro à busca de uma contaminação vocabular que pudesse, através de palavras juntas, sintagmas indiscerníveis, léxico em desuso, fazer daquele exercício condenado ao malogro, a sua barca de salvação impossível. Lembrava-se de quando, cinquenta anos antes, tudo tinha começado. Olhava de novo o livro adiado, as casas pardas da cidade envelhecida de vileza. Na ponte outrora vermelho-carmesim, com comboio por baixo, atravessando o rio – que ele via da sua casa de águas-furtadas ali à travessa do abarracamento de Peniche, ali, naquele mesmo andar cimeiro donde um dia se lançou alguém (quem?) janela abaixo para um mergulho lento num paraíso eterno, com versos a consumarem a sua exasperada desesperação – ele observava a mudança, isto é, os cordames de aço, as verticais linhas (colunas) que sustentavam, ainda, a ponte antiga e pensava: “Não mais, não mais” e nada mais dizia. Regressava à sua dor e às memórias que, furtivas, o atacavam como chacais pela noite insone ou a madrugada dormitativa. Não estava já com a sua mãe, morta há muito. Era um homem para si mesmo tocado pela sólida solidão dum dia inteiro e limpo a que, se assistiu, seria ainda criança naquele outro século, vastamente longe. Lembrava-se de estar às cavalitas do pai, num largo com parreiras, laranjeiras raquílicas e o estuque dos prédios a cair e centenas de pessoas com flores (que flores seriam?) nas mãos e em canos de fuzis e todas à uma cantando, execrando também os dias de que só, mais tarde, compreendeu o alcance: dias escuros de quarenta e oito anos de silêncio e solidão de figuras corcovadas sobre as gentes que nada podia dizer, pensar, fazer senão de acordo com os ditames de decretos vetustos e sagrados,

Tinha sido quando? Dizia? E no silêncio do sono em que acordava estremunhado, dobrado, em posição fetal, sobre o seu peito, via as páginas, as folhas daquele mistério profundamente seu e dizia, repetia palavra que tinha ouvido àquele Autor, o Auctor de um livro desprezado, para sempre posto na fogueira do olvido, repetia:

*Este é o dia em que a pátria se liberta
Da opressão de décadas
Este é um dia como, desde 1640, não se vive!!*

Era um homem, de óculos de massa, em cima duma árvore, naquele largo, gritando para um altifalante palavras que a massa em fúria e festa, cá em

baixo, não entenderia mas sentia subirem as palavras aos corações povoados de incerteza e alegria

Ele lembrava-se de o Auctor lhe ter dito que assim seria sempre: no auge da suprema prova alguém diria as palavras mágicas marcadas no horóscopo futuro e regressaria – faria regressar – a velha linguagem de sintaxe velha, duradoura e velha, a sintaxe aplainada da plaina portuguesa nas grandes ondas de madeira artesanais – eram versos vindo e era sempre assim

Armando era sapateiro. Escrevia pela noite como tinha aprendido – da sua geração o último – com mestres de oficinas. Sapateiro e leitor. Escrevinhador de breves contos, que contava às últimas crianças da travessa do abarracamento de Peniche – que nome premonitório (um “nome promontório”, dizia Armando). Foi também o último dos fiéis de armazém (sabeis o que é semelhante mester? – que não, diziam, no café virtual, os da geração nova), concentrado em organizar, na última das fábricas, uma moralidade laboral em liberdade. Lembrava-se, armando lembrava-se, de tudo:

- ao colo, às cavalitas, ou andando a correr entre soldados, com flores como se um verso *vem maio coberto de frutas* e gritando com o Auctor, Elias (era assim o nome do então ainda jovem, vindo da guerra, Elias, Elias Moura) palavras que ele, criança, talvez levasse à letra como água à boca: “E agora o Povo Unido nunca mais será vencido / Nunca mais será vencido”

- a travessia do turbulento período de sangue e de desastres, invejas e intrigas na cidade queimada de atentados, de ambições frustradas, de ilegítimas ambições dos corvos cobras chacais

- daquele tempo neutro, pardo, das casas pardas de Lisboa – dum livro que era como que um eflúvio, a voz feminina numa agreste e clássica escritora, mulher e mãe (Mãe? Serias tu, Mãe, a voz que eu procurava? Sim, que te procurava como aquele outro redactor alevantado contra o chão dos dias?)

- do político de rosto magro e quezilento, magro e salíneo, de salitre, gasto quando ainda jovem, dizendo que jamais se enganava, que dúvidas não tinha e chegava, pela porta giratória de uma europa traindo-se, à grande e palaciana casa das suspeitas

- lembrava-se armando de tudo: daquele que prenderam e torturaram enfiando-lhe os colhões numa gaveta e entalando-os ao fecharem-na para que fosse delator dos seus amigos de forças contra um modo de viver que viver não era e sabia – seria já o único sobrevivente da memória – que havia quem tivesse resistido

- e sabia, de ter visto e ouvido, lido e não poder ignorar, como a geração nova tinha assassinado os espíritos com os discursos do progresso tecnológico,

Quarenta e duas plataformas digitais, eis o que os professores têm de dominar para, nos diferentes estabelecimentos de ensino, serem considerados "professores de excelência". Sumários eletrónicos, portarias, horários, reuniões com colegas e com direções, com pais e com alunos, tudo passa pelo ecrã. Temos o GIAE, o SIGAE/ IGA; ele há o site da DGE, o Extranet e o IAVE; ele é o MEGA (manuais escolares) e o portal dos Recursos Humanos; temos o DGEST/Recorra e o DocGest; não faltam o SIIESTE (edifícios escolares) e o SISE (Segurança Social); e para assuntos relacionados com o acompanhamento psicológico dos alunos, vamos ao Psicólogos POCH e para matricular os estudantes vamos ao Portal das Matrículas; para compras públicas o VORTAL e, se ainda se lembram de bibliotecas, temos o SIRBE... Enfim, a lista é longa,

Tinha tudo começado aí? Há cinquenta anos? Talvez antes?

Pensar, devanear, lembrar, imaginar, mesmo supor que tudo poderia ter sido numa vida triunfante e num outro mundo, não era sonho, mas a certeza de que existia, de que as coisas se arrumavam, por sua vontade, que a ordem delas e do mundo era um desconcerto que ele organizava mentalmente

Tinha lido estas palavras no conto a que ninguém já aportava. Sim: pensar, devanear, lembrar, imaginar – que verbos, meu deus!! Que verbos incomensuráveis, dizia armando quando, ao fim da tarde, corrido o dia a contar velhas histórias a quem o ouvisse no café virtual (era agora assim: com um chip encrustado na parte de trás da cabeça, ali na hipófise, a geração nova (2ª geração, na verdade – esses que traziam na palma das mãos ecrãs postos por debaixo da epiderme e que acendiam em momentos de quererem saber de que se falava, se porventura alguém falava do que eles não sabiam – alguém vindo [como eles, os novos diziam) “daquela altura” – e aquele altura era antes de 2030)) chegava, amortecido, pronto para dormir em

posição fetal umas poucas horas, a casa, ali, olhando o rio lodoso e pantanoso, negro de crude e de desastres petrolíferos – o rio onde golfinhos tinham andado devaneando, extintos animais, como nós extintos e lembrava-se, dali da sua água-furtada, de palavras que sabia de cor, de guerras antigas, de amigos mortos, este por exemplo:

Aónio, professor, amante das letras como nenhum outro, seu amigo – amigo de armando – e sempre entregue aos livros, seu contemporâneo na arte de tentar minar a vida fazendo o grande jogo por dentro, aceitar o linguajar dos poderosos e depois feri-los de morte mui bem matada, esse aónio que tinha conhecido em 1999, seu irmão de geração perdida, com vinte e quatro anos chegando ao século novo e que dizia que seria o fim, tinha ele também, aónio, lido nos horóscopos:

Dizer Sol ou Portugal é o mesmo [...] o ciclo da vida de Portugal será de 992 anos, que é o tempo da revolução solar, isto é o tempo que se cumpre pelo reencontro do grau 7 de Sagitário. Se as contas [dizia aónio] estão certas e exprimem a verdade, temos [em 1996] apenas mais 92 anos para viver, já que de 1096 [fundação do condado] a 1996 vão 900 anos exactos [...]

E falava numa carta antiga com armando, a carta do conde de Keiserling, na qual se afirmava que a vida e o seu ciclo não se fechava depois desses 992 anos, porque, repetia: “chegado o fim, haverá o segundo e o terceiro dia da manifestação da alma [...]” e calava-se, mais não dizia.

Armando, agora no fim do segundo quarto de século do século novo, quando governava uma junta do FMI o país de outrora (da janela das suas águas-furtadas, onde pontificavam prateleiras e prateleiras com livros vários, colecções de poesia que já ninguém recordava, reconhecia

- em 2039, lembra-se, tinha morrido, no último alfarrábio de lixbona o seu amigo franco,

- em 2016, anos e anos antes, armando tinha visto morrer outro amigo antigo, um poeta-livreiro dum local que haveria, depois da sua morte, ser um atelier de arquitectos e depois uma produtora de filmes, ali na rua antiga de Malpique – lugar de que já ninguém teria memória do seu substracto e morfologia – chamava-se, lembrava-se armando, andré, esse amigo velho

Armando, dizia, agora no fim do segundo quarto de século do século novo, antigo fiel de armazém, como tinha ele chegado a essa museológica existência? Aónio e Elias tinham-lhe deixado por herança – sem filhos, ambos e ambos amigos de Armando, um servidor fiel do amor antigo – bibliotecas, as últimas, na cidade esqualida, antes que – como no verão de 2033 – a GRANDE RENOVACÃO PLANIFICADA do governo de CHARLES MODDE (um inglês chamado a governar com mão preclara e arregimentadora, definidora empresarial da nossa pobreza absoluta)

Viesse recuperar antigas formas de fazer e de viver e de pensar:

Armando levanta-se, torto, pesquisador. Soergue-se da cadeira velha de pano verde, o seu soalho de madeira range e ele vai à estante onde tem livros de séculos inauditos buscar um papel que recuperou duma fogueira que nem tudo pode queimar por ordem do grande senhor inglês Charles Modde, governador-geral da cidade por sua mão regida entre 2033 e 2043, dez anos de grande e rigorosa circunspeção às liberdades ainda sobreviventes. Tirou da estante um processo que sabia de cor e leu-o, em silêncio capaz de ser silêncio, com os olhos lembrando o que, em 1999 (aónio) e em 1974 (elias) lhe tinham dito que seria o tempo futuro. Pode confirmá-lo: em 2033, em Lisboa, em outras cidades do Portugal de antanho, moveram-se coisas, disseram-se palavras rudes, queimaram-se gentes em nome da nova geração que viria fazer o país novo: harmonioso, sustentável, digital. Processo de Aónio Vilar – o seu amigo de geração que, perseguido pelos mastins (alguns mesmo seus antigos alunos em liceus onde, até 2030 leccionou a palavra), em auto-de-fé exemplar, visto por Modde, Charles e demais CONGREGAÇÃO DA MORAL NOVA, aos dias funestos de setembro, dia 5, de 2033:

Aos cinco dias do mês de Setembro de dois mil e trinta e três, em Lisboa, nos Estaus e casa terceira das audiências da CONGREGAÇÃO DA MORAL NOVA, estando aí, na de manhã, o

Senhor Delator Máximo-Intriguista-Mor

Jorge Paraíso Defunto,

mandou vir perante si, para efeito de declarar cousas pertencentes a seu inventário, a António Vilar Corte, réu preso nos cárceres desta Congregação, que sendo presente lhe foi dado o juramento dos CÓDIGOS

DISCRETOS-DIGITAIS, em que pôs a mão, sob cargo do qual lhe foi mandado dizer a verdade, o

que ele prometeu cumprir e logo:

Disse que tinha várias contas com Adélio Franco, homem de negócio, morador, livreiro, nesta cidade, às Pedras Negras, ao qual comprara várias fazendas e lhe passara escrito de dívida de três mil euros, à conta dos quais lhe não tinha dado cousa alguma, e

lhos confessa dever, ainda que houvesse acordo, entre o dito livreiro e António Vilar Cortes, de pagamento prestes. E que também seu irmão Jerónimo Vilar Corte, por se interessar em negócios de fazenda e considerar assaz dificultosas as sagradas contas da governação nossa, a dos excelsos Governadores, tinha contas com o mesmo Adélio Franco, e ajustando ele, declarante, em Maio fez um ano, as contas do mesmo, /16v como o dito Franco lhe ficou devendo novecentos mil cêntimos de euros além do escrito dos três mil contos de réis, e à conta dos ditos novecentos mil réis, lhe mandou quatrocentos mil em livros suspeitosos, para compensar pagamento material, e lhe parece que ao todo será devedor ao dito Franco

de soma assaz impagável, para mais porque, diz o réu, em livros se fez o negócio e esse foi o mal, porquanto, por ordem de CHARLES MODDE, é proibido fazer negócio de trocas a partir de objectos ditos dispensáveis e invaliosos: livros, periódicos e demais mercancia dita, ao modo antigo, bens culturais,

pouco mais ou menos, e mais não disse, e

assinou com o dito Senhor Delator Máximus. Jorge Paraíso Defunto, no que foi assessorado pelo escrivão Luís Gustavo Pristino escrevendo-se mais no [fol. 18]

Mais inventário [17/04/2033]

[...]

Disse António Vilar Cortes que era negociante de lições privadas a estudantes disso necessitados por, disse, nada aprenderem desde a REFORMA NOVA DA EDUCACIONAL MAESTRIA DE 2028, do ministro da educação João Manuel Malquer, sendo ele, António Vilar Cortes, disse homem de negócio cultural e demais traficância de perigosas ideias incendiárias nas almas jovens dos nossos ingénuos estudantes de ciências literárias ou que delas resta. Disse mais: que era, em 2027, morador nesta Cidade de Lisboa, onde negociou as lições particulares, a um conto trezentos cinquenta e oito mil e quinhentos e quarenta réis de euros, por, acrescentou, considerar que ganhava misérias como docente das letras que

restavam. Mais informou que, em 2027, ajudou colegas de profissão a fazer a última grande manifestação contra as medidas educativas que visavam pôr de gatas a dúvida metódica e o método antigo de leitura e análise de textos, pelo que, em negócios em Almada, em casa do editor Manuel Ferrador de Lyra, procedeu à venda, a partir de ganhos em livros vendidos em feiras, de fazendas que comprou para as facultar a míseras pessoas que, por aquele tempo, não tinham que vestir e se passeavam como diletantes, nas ruas dos lugares da margem sul da cidade de Lisboa, aos quais António Vilar de Cortes ia, sábados e domingos, distribuir alimentos e roupas com demais grupo de auxiliares, fazendo mal à lei-decreto da LIBERAL ACÇÃO CIDADÃ, que determinava que quem não fosse empreendedor de sua pessoa, de si mesmo fazendo negócio – assim dizia a lei de 2028 – ficaria desempregado em todos os organismos virtuais que substituindo estavam as antigas e vetustas formas de trabalhar pouco produtivas e disse mais: que à conta das quais lições e algumas fazendas nada quis para si e deu, do que recebeu, quinhentos mil réis de euros por via de /18v Jerónimo Vilar Cortes, irmão dele, à organização terrorista contra a GRANDE RENOVAÇÃO PLANIFICADA, a temida ALA DOS NAMORADOS, conhecida nestas partes de nosso tão pacífico país acéfalo de 2050, como já o queríamos que fosse em 2023 e demais anos vindouros, assim disse o declarante.

Declarou mais: que em tempos o avisou Elias Moura, temido scriptor de temíveis papéis de romanescas e estranhas ficções antigas, professor aposentado e morto em boa hora no ano de Modde Deus Nosso Senhor de 2025, e bem assim o avisou também o alfarrabista André (apelido suprimido) de antiga livraria posta na antiga rua de Malpique, hoje excelsa Rua Dr. Charles Modde, posto que lhe tiraram outra placa identitária para mudar topónimo de má memória do defensor de liberdades sem sentido (nome suprimido em 2027) que, por via do dito seu irmão, que a este podia dar fiada toda as suas bibliotecas, às ocultas, e que a ele lhe pedissem as escolas das periferias de Lisboa, e que ele se obrigava à satisfação das mesmas,

porém que, como neste mesmo tempo sucedeu a sua prisão, não sabe ele, declarante, que bibliotecas tomou o dito seu irmão para fazer chegar proibidos livros que ofendem a nossa moral telegénica e computacional lei de todos nós, cegos agradecidos aos ministeriais inteligentes da nossa nação de sempre, e disse mais:

que tinha recibo do dito seu irmão, antes de sua prisão, avultada soma de dinheiros para com ele distribuir nos lugares infectos da cidade de Lisboa, aí onde trabalham nos campos de reeducação antigos docentes adoradores da lei de mafomede da cultura livresca, essa que fundada foi, em 1999, por Elias Moura, nome aqui escrito com as devidas suspeições de quem, como eu, Jorge Delator Máximus, escreve este processo: e disse mais que é assim é devedor ao dito Elias Moura, seu mestre e auctor de:

Um conto de euros e trezentos e cinquenta oito mil quinhentos e quarenta réis de euros, posto que entre ambos houvesse traficância de livros, roupas, objectos de arte, quadros suspeitosos, os quais deviam, disse, ser abatidos a outros quinhentos mil réis de euros que, em 2030, lhe mandou Elias pelo dito seu irmão, e do mais resto lhe é também devedor, porém, que todas estas dívidas devem pertencer a seu ao Estado, posto que, disse o acusado António Vilar Corte, ao Estado cumpria educar e fazer viver o povo em condições mais dignas que as dignas condições em que todos viviam desde 2024, quando subiu a Primeiro-Sinistro o Excelso Dr. Fernando Jonas Nadin (primo, de sangue e visão de mundo de Charles Modde, excelso hoje, 2050) debaixo de cujo nome ele, declarante, cuspiu, deplorando-o,

E disse mais: que nem tinha de seu mais que a legítima de sua mãe, e mais não disse, e assinou com o dito Senhor Inquisidor. Jorge Paraíso Defunto e assessor Luís Gustavo Pristino

Parava, Armando, lendo em silêncio, não fossem escutá-lo o casal do lado, o casal que, suspeitava, lhe vigiava as histórias que contava no café virtual às crianças que o julgavam, por outra coisa não poder ser, louco e contumaz – pois que ali, na travessa do abarracamento de Peniche, havia quem soubesse que este antigo fial de armazém tinha sido amigo de elias e de aónio, dois inspirados fazedores da alta cultura hoje proibida por toda a cidade que esplendia:

Harmoniosa sustentável digital

Continuou, depois de respirar muito fundo, a leitura do processo de 2033 movido contra aónio:

Declarou mais que, não obstante haver cumprido as competências de docente que lhe eram exigidas, ele, declarante, por quanto o fez em nome da cultura antiga portuguesa e europeia, devia ser inocentado, posto que apenas se tivesse preocupado demais com o curso que, assim dizia, lhe parecia conduzir a Nação ao estado vegetativo de peso-morto no mundo e ele, declarante, disse não ter, em 2033, casa onde viver, que vai dormindo em motéis de má-conduta por serem de gente inconsultável, e mais disse que de seu amigo recebeu biblioteca viva, a viva biblioteca de elias, morto em 2025, dito seu pai espiritual, legítima que lhe ficou por morte da sua mãe, a de Elias, e isto é o que tinha mais que declarar a respeito de seu inventário [...]

[fol. 63]

Confissão

Aos vinte e seis dias do mês de Agosto de dois mil e trinta e três anos em Lisboa,

nos Estaus e casa terceira das audiências da nossa SANTA CONGREGAÇÃO, estando ali, na de tarde, o

Senhor Inquisidor Albuquerque Queque, mandou vir perante si a António Vilar Cortes por pedir audiência, e sendo presente lhe foi dado juramento dos Santos

CÓDIGOS DIGITAIS, em que pôs a mão, sob cargo do qual lhe foi mandado dizer verdade e ter

segredo, o que ele prometeu cumprir, e disse [que] pedira audiência para confessar suas culpas, e logo:

Foi admoestado que, pois tomava tão bom conselho como o de querer confessar suas culpas, lhe convinha muito trazê-las todas à memória e fazer delas uma inteira e verdadeira confissão, por ser o que lhe convém para descargo de sua consciência, salvação de sua alma, e bom despacho de sua causa, dizendo puramente a verdade porque, se assim o não fizer, além de não alcançar a misericórdia que pretende, se arrisca /63v muito ao rigoroso castigo que Na santa congregação se costuma dar às pessoas que de si ou de outrém dizem falsamente

em suas confissões; e lhe fazem saber que está obrigado a dizer de todas as pessoas com quem comunicou a crença da LEI DOS LIVROS, e sabe andarem apartadas de nossa Santa Fé COMPUTACIONAL, ou sejam vivas, mortas, presas, soltas, ausentes deste reino ou nele residentes, reconciliadas, parentas ou não parentas, tudo o que com elas tiver comunicado contra nossa Santa Fé COMPUTACIONAL-DIGITAL, ao que respondeu que a verdade havia de dizer, a qual era:

Lia com as lágrimas nos olhos, Armando, lembrando-se das conversas de Elias e de Aónio, seus mestres, daquele dia em que os três, rindo alto, entrando na regaleira quinta em sintra de místéricos sinais, disseram a armando que não era por acaso que ele professava do mister do fiél de armazém e assim lhe explicaram que ser fiel era ser nomeado recebedor de mercancia cultural que, sabiam-nos eles, elias e aónio, estava sob ataque da geração nova, a já nascida em tempo do progresso e retrocesso da civilização computacional

Lia e ouvia as palavras que lhe vinham de outras bocas antigas e citava de cor, levado por eflúvio místico, sabe-se lá, armando, o último dos últimos fazedores duma palavra clássica, clara: misturava com o processo a seu amigo morto, aónio, António vilar cortes, outra mil imagens de uma vida que desejaria fosse, em 2050, outra, palavras como

**Vê-se a gente livre dos Franceses, e zás!, cai na mão dos Ingleses!
E agora? Se acabamos com os Ingleses, ficamos na mão dos reis do**

Rossio...

Entre os três o diabo que escolha...

{Pausa}

Deus todo-poderoso para a frente... Deus todo-poderoso para trás... Sua

Majestade para a esquerda... Sua Majestade para a direita...

{Pausa}

E enquanto eles andam para trás e para a frente, para a esquerda e para a

direita, nós não passamos do mesmo sítio!

intercalava essas memórias de textos antigos com o regresso ao processo que provava da morte infausta e injusta de aónio professor:

Que haverá sete anos, na vila de Celorico e casa de Maria de Cristo, cristã-nova, viúva do médico Belchior Mendes, prima segunda dele confitente, não sabe de quem seja filha, nem donde natural, e ausente no reino de Castela, na cidade de Salamanca, e não sabe que fosse presa, nem apresentada, se achou com a mesma, e estando ambos sós, lhe disse a dita Leonor da Silveira [que], se queria salvar sua alma, tivesse crença

Na LEI DE CHARLES MODDE O NOVO SENHOR NOSSO, porque só nesta havia salvação e que, por sua observância, havia de fazer jejuns estando todo o dia sem comer, nem beber /64 senão à noite, em que havia de cear peixe e cousas que não fossem de carne, e que havia de esperar pelo Messias, porque Cristo Senhor Nosso o não era, e que havia de rezar a oração seguinte,

"Amarás Adonai o teu Deus &.ª CHARLES MODDE, e não lhe lembra mais da dita oração, porque ela, dita

Maria de Cristo que isto lhe dizia e ensinava, cria e vivia na dita Lei e por sua observância fazia as ditas cerimónias. E parecendo bem a ele, confitente, o que a dita lhe dizia e ensinava e, como sua parenta mais velha e de bom juízo e capacidade, que o encaminhava para o que mais lhe convinha para a matéria de sua salvação, se apartou logo ali da FÉ EM CHARLES MODDE, de que já tinha bastante notícia e instrução, e NÃO se passou à crença da Lei de Moisés, e assim o declarou à dita Maria de Cristo, dizendo-lhe que dali em diante ficava crendo e vivendo na dita Lei COMPUTACIONAL DIGITAL com o dito intento e que por sua observância faria as ditas cerimónias, como com efeito fez em companhia da dita Maria de Cristo, e outras vezes só, esperando /64v pelo

Messias CHARLES MODDE, a crença dos quais erros durou a ele, confitente, até agora, que entendendo ir errado em seguir a dita ANTIGA DOS LIVROS e conhecer que só na de Cristo Senhor Nosso COMPUTADOR há salvação, abraça esta deixando a DA CULTURA, de que está mui arrependido e delas pede perdão.

[Mas a tudo isto soubesse depois que era mentira e que jamais aónio iria deixar de fabricar ficções com que pudesse assaltar com maravilhas e fantásticas imagens a cabeça bem orientada das nossas desmioladas gerações novas]

Sorria Armando, olhando a cidade e recuperava um horóscopo onde estava traçado tudo:

“Vem aí a madrugada...
(Respira fundo, enchendo os pulmões de ar)

O céu está carregado de estrelas e o ar tão puro,
que só de cheirá-lo nos
sentimos outros!
(Pausa)

A frase é proferida com entusiasmo.
- Ah! Senhora, se o general estivesse esta noite aqui, levava-nos com ele
até
ao fim do mundo!
(Pausa)

*A frase é proferida com entusiasmo
Descreve uma visão que o fascina.*

Será a primeira vez que a tem?
Que estranho exército não formaríamos!
Rotos, coxos, sem armas e sem
tambores, a abarrotar de fé, deixaríamos
atrás de nós um rasto de sangue que
nem as chuvas do Inverno lavariam das estradas:
um rasto do nosso próprio
sangue, senhora, do sangue das nossas feridas,
dos nossos pés cansados, das
nossas almas vazias...

(Pausa)
Volta repentinamente à realidade e A quebra é súbita, inesperada.

Mas o general está preso em São Julião da Barra, nós... estamos presos à

nossa miséria, ao nosso medo, à nossa ignorância...

(Pausa)

Não a podemos ajudar, senhora. Deus não nos deu nozes e os homens tiraram-nos os dentes...

(Sorri)

Não temos dentes nem nozes.

*(Matilde, que já chegou à frente do palco, detém-se e volta-se para Rita)
O tom é profético e triste. Manuel como que pede desculpa do que diz.*

Amanhã, quando começarem a agradecer a Deus a prisão do general, estaremos à porta das igrejas pedindo esmola...

(Pausa)

Depois de amanhã, senhora, estaremos arrefecendo as almas ao calor das fogueiras... Até havemos de aplaudir...

(Pausa)

Não nos leve a mal, senhora, a culpa não é nossa...

Depois duma breve hesitação.

(Matilde, que já chegou à frente do palco, detém-se e volta-se para Rita)

Matilde - A minha moeda, Rita!

(Rita hesita e olha para Manuel.)

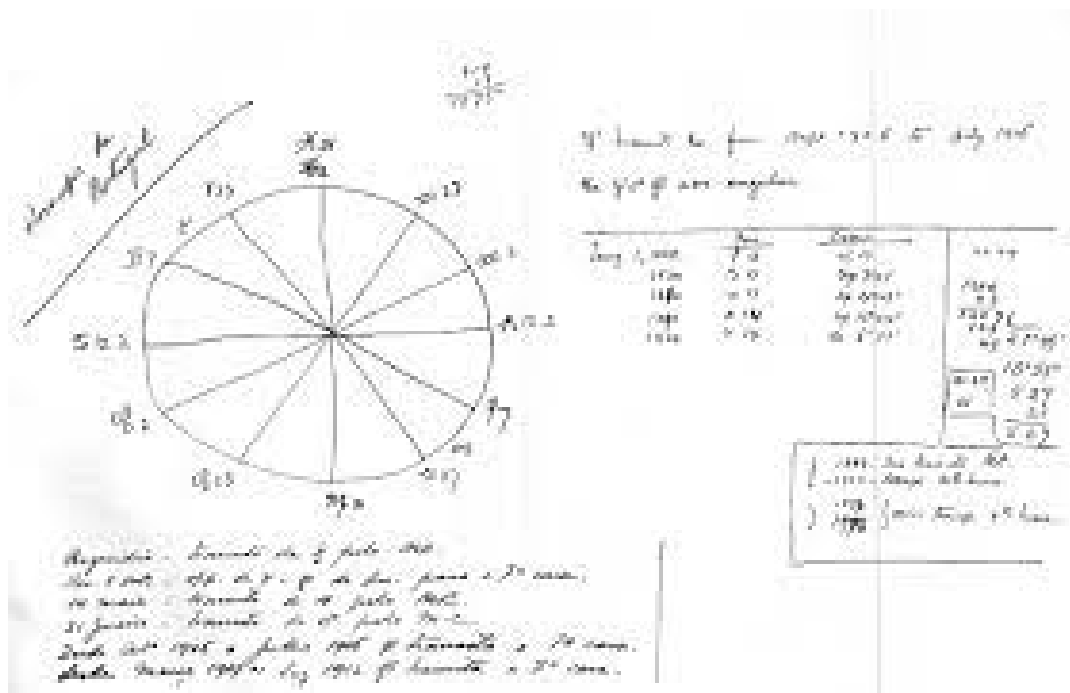
Manuel *(Para Rita)* - Dá-lha, mulher.

(Para Matilde)

Não é uma esmola. Dou-lha para que a use ao peito, como uma medalha. Tivesse eu mais, e dava-lhe trinta - as trinta moedas por que se vende a alma. Quem as pague ou as receba, perde o direito à esperança, senhora.

Armando olhava a página daquela peça antiga que, na reforma educacional do ano do senho r de 2023, tinha sido banida da memória. Olhava, erguido a custo nas suas pernas outrora forte e agora magras, que lhe faltavam cobres para comprar peixe, legumes, leite, um pouco de vinho com que adoçar a boca e ver se era ainda vinho o que em 2050 se bebia na cidade da ponte destruída.

Olhava, passando o indicador por sobre o horóscopo:



E regressava ao processo tenebroso, ao tempo de trevas e suspendia a respiração, como que a ver se poderia, porventura, suspender o grito de revolta, ele, armando, fiel de armazém:

Disse mais que, haverá quatro anos, nesta cidade de Lisboa e loja de José Almeida Nunes, amigo de Franco, o livreiro contumaz e perseguido (e era isto em 2025), mercador de livros, natural e morador desta cidade e preso depois por esta CONGREGAÇÃO MORAL DIGITAL ÚNICA se achou com o mesmo e, estando ambos sós, entre práticas se declararam
Contra CHARLES MODDE E OS DEMAIS – ASSIM DIZIAM ELES, CONFESSADO POR AÓNIO NESTE PROCESSO BOM – TRAIADORES DA PÁTRIA OS CAPITALISTAS DAS PALAVRAS E MANIPULADORES COM SELFIES E DEMAIS PARAFERNÁLIA TECNOLÓGICA DAS MENTES E

CORAÇÕES DA PORTUGUESA GENTE TÃO ESFAIMADA E EMPOBRECIDA E ASSIM DZIAM MAIS:

saber ele, confitente, dos ditos Franco e Nunes, como criam e viviam na Lei proibida dos Livros, com intento de nela se salvarem, e não falaram em cerimónias, nem passaram mais cartucho à figura excelsa do grande organizador Charles Modde, salvador computacional e harmonioso da cidade e da pátria.

Disse mais que haverá quatro anos, nesta cidade de Lisboa e loja do dito José de Almeida Nunes se achou com um filho adolescente do mesmo chamado Miguelinho Nunes, estudante convertido aos livros, solteiro, sem ofício, natural e morador desta cidade, se achou com o mesmo e, estando ambos sós, entre práticas se declararam e juraram serem contra toda a espécie de perseguição a ideias-livres, a livros de poesia e de teatro, de cinema e de política, de história das ideias e demais disciplinas ilustradoras e que o dito jovem Miguelinho Nunes, como criam e viviam na LEI DOS LIVROS com intento de nela se salvarem, e não falaram em cerimónias, nem passaram mais.

Disse mais que, haverá três anos, nesta cidade de Lisboa e casa de Luís Nunes da Costa, LEITOR-NOVO, mercador, morador ao Lagar do Sebo, natural e morador desta cidade, apresentado nesta SANTA CONGREGAÇÃO, se achou com o mesmo, e estando ambos sós, por ocasião de falaram na LEI DOS LIVROS, entre práticas se declararam e deram contra toda a política obscurantista mascarada de progressismo tecnológico e saber, ele, Miguelinho Nunes, apesar de jovem, era confitente e o dito Luís Nunes da Costa, como criam e viviam na LEI DOS LIVROS com intento de nela se salvarem, e não falaram em cerimónias, nem passaram mais.

Armando estava em febre a este passo da leitura do processo de seu antigo amigo. Repescou, da mesa onde havia um pão duro de solidão, outras folhas antigas, suas, quando um dia ensaiou escrever, também ele, regressado ao GRANDE INICIADOR, umas páginas que, por volta de 2022, mostrou, em dia de festa, a 22 de outubro desse ano, quando fazia anos aónio professor,

E repescando-as, tirando-as de uma arca, observando o horóscopo futurante, disse:

- Faça-se a tua vontade, como se fez na peça proibida.

E leu em voz alta, para que todos, incluindo o casal delator, e nas noites dos séculos todos os delatores das liberdades e todos os ignaros perseguidores da LEI DOS LIVROS de que ele armando era o último fiel, disse:

FIAT LUX

E assim leu:

“A ascensão da estreita escada escura, e tão a pino, com os degraus muito altos e cambaios, era, sempre que voltava a casa, uma tortura. À força de equilíbrios, meio encostado à parede, cuja cal já se esvaíra havia muito e até nas suas costas, e apoiando em viés uma das muletas no extremo oposto do degrau de cima, ia subindo cuidadosamente, num resfolegar de raiva pela lentidão. Toda a unção adquirida na conversa com os frades de S. Domingos, a cujas prelecções regularmente assistia, ficando depois a discretar com eles, se perdia naquele regresso a casa, ao fim da tarde [...] Quando ela lhe falava, e sobretudo quando ela insistia, precisava não se deixar distrair pelas palavras que ouvia: ou logo, no fio interrompido das ideias que continuamente deslizavam como um rio revoltado, se abria um vácuo tenebroso, um vórtice sombrio em que flutuavam farrapos de versos e de coisas vistas, e, mais no fundo, como que uma pequenina porta iluminada, ou um vidro posto sobre estranhas águas em que nadavam esquisitos seres, e que parecia um olho fito nele, pestanejando ou palpitando, não sabia bem, talvez que, sim, nem mesmo um olho, mas uma transparência marinha como os reflexos das ondas ao luar. A pequenina porta, que lhe fazia vertigens, nem sempre se mostrava. Na maior parte das vezes não havia mais que o poço em que se debruçava, ansioso de que a portinha se abrisse e trememente até ao arrepio pela frialdade que dela vinha. Fechando os olhos, cerrando-os com bastante força, conseguia então afugentar aquelas visões» ou aquela visão, sempre a mesma, que sonhava acordado. Porque dos sonhos tinha ódio. Pensar, devanear, lembrar, imaginar, mesmo supor como tudo poderia ter sido numa vida triunfante e num outro mundo, não era sonho, mas a certeza de que existia, de que as coisas se arrumavam por sua vontade, que a ordem delas e do Mundo era um desconcerto que ele organizava mentalmente. Quando dormia, não sonhava

nunca. Não eram sonhos as coisas que então via, mas a continuação do mesmo poder e da mesma certeza, ou então tentações do demónio, como diziam os padres. Mas as tentações ele conhecia bem.. Não eram tentações da sua alma que Deus não deixaria que se perdesse nunca, a não ser naquele vórtice estranho onde parecia que Ele não penetrava. Como tentações? Que tentação era ter nos braços uma mulher que lhe escapara? Que tentação era matar, dormindo, um inimigo poderoso e inacessível? Que tentação era ver-se feliz num palácio, rico, respeitado, rodeado de servos e de admiradores, com uma mesa farta de bons petiscos e de bons vinhos, e com saúde e vigor para uns jogos de armas ou para uma bela amante pescada na rua, todos os dias uma diferente? Que tentação ver-se na Corte, com bom gibão de veludo e a gola de finas rendas, ouvindo os elogios dos seus pares, e recitando ou lendo o último poema escrito? Não eram tentações estas coisas, não, mas consolações piedosas da sua alma, a satisfação do que lhe fugira, a plenitude do que não tivera, a saciedade do que não bastara, a conquista do que jamais pudera ter sido seu. Pecado é sonhar com o futuro: desejar a mulher que se viu neste instante, querer com fúria o que é dado a outros, invejar furiosamente, como coisa que nos foi roubada, a felicidade alheia que está dançando, sem vergonha e sem respeito pela nossa miséria, diante dos nossos olhos que param a vê-la. Mas imaginar-se feliz no passado, com aquilo que fugidamente o perpassara, e não fora nunca do tamanho da sua fome, não era tentação, não era um pecado, era, sim, a sua única riqueza, a sua única razão de esperar a morte, seco de amor, exangue de entusiasmos, descrente da pátria, destituído até da alegria de fazer versos. Os seus versos, agora, haviam-no abandonado. Haviam-se desfeito, como açúcar, no rio ininterrupto do pensamento, aonde antigamente flutuavam de súbito, como pedaços de ardente gelo, que um a um se atrelavam para dar um poema. E não tinha deles saudade alguma. Não fora nunca para si próprio que os escrevera. Para os outros, sim. Para que o ouvissem, para que o admirassem, para que o entendessem, para que vissem como tudo, na vida, tinha um sentido exacto que só ele era capaz de achar, uma arquitectura que não teria tido sem ele, uma beleza que não existe senão como a ideia que primeiro é pensada por quem é digno dela.

Empurrou a porta, e entrou. Contra o costume, a mãe não lhe apareceu, nem ele sentiu na casa ruído algum. Fechou a porta, foi até à mesa, e sentou-se na cadeira, encostando as muletas. Sentar-se era um alívio do cansaço, e uma nova tortura também. Mas a ausência da mãe, tão inabitual, tornou menos

tortura a tortura de sentar-se ajeitando as partes inchadas e doloridas, acto que, com uma vergonha infinita, era obrigado a fazer diante dela, e que por isso não ajeitava bem, sentindo os olhos da velhinha fitos nele, horrorizados com a monstruosidade dos castigos reservados a quem se entrega aos pecados da carne, sem se manter puro como veio ao mundo. Ela, que, quando o marido voltava de uma viagem, só deixava que ele a beijasse depois de ter a certeza que não havia desembarcado em porto algum, desde muitos meses... Suspirando, sorriu para si mesmo. Na primeira viagem que fizera, ao embarcar-se para a Índia, ainda derrancado das orgias de noites consecutivas, destinadas a prevenir-se para tanto tempo de céu e mar e de conversa de homens, ele... Benzeu-se. Estas memórias eram tentações da carne. E nisso estava a diferença da poesia que escrevera na vida. Uma vez escrevera na verdade para saber o que pensava. Mas outras vezes escrevera para possuir efectivamente, como, quando era moço, repetia de seguida o acto do amor, não porque desejasse, mas para sentir melhor que possuía, para ter a certeza de que possuía mesmo a marafona de que se esquecera durante a primeira vez. Agora, assim alquebrado e impotente, tudo o que pensava, se o escrevesse, lhe parecia que era só desta poesia que pecava contra o Santo Espírito, e que não era uma dádiva, uma oferta do seu corpo ao corpo em que entrava, mas uma rapina, uma avareza, uma maneira de devorar o próximo. E mesmo de tudo o que escrevera lhe parecia incerto que o tivesse sido abnegadamente, já que sempre ansiara pelo reconhecimento alheio, pelo triunfo, pela glória, pelos prémios, a ponto de contentar-se com o sorriso constrangido dos ignorantes a quem lia os poemas.

Levantou o olhar para a janela. No prédio fronteiro, viu o calafate sentado à mesa, que o observava amigavelmente por cima da escudela fumegante. Acenou-lhe de cabeça, e o outro fez com a mão um gesto largo, que terminou apontando o caldo numa oferta gentil. Correspondeu com um gesto como que de adeus, e desviou a vista. À varanda vieram encostar-se as duas crianças; não precisava de fitar Para saber. Nunca gostara de crianças, nunca pensara em tomar estado para tê-las suas. Talvez por isso mesmo é que tanto ou tudo da sua poesia ficara como aqueles filhos que não quisemos ter, e que depois se despegam de nós adivinhando um desapego de que nos arrependemos, mas que não deixa de ser um desapego mesmo arrependido. O amor para ele fora carne e espírito, tão carne, que nenhum espírito podia estar presente, e tão espírito, que nem toda a carne do mundo, usada dia e noite, chegava para contentá-lo. Até o fastio, que às vezes o afastava longamente de contactos

carnais, era uma ardência insatisfeita, que se continha, suspensa e ameaçadora, à espera de esquecer que a carne era sempre igual, e os gestos do amor tão poucos que os sabia já de cor. Mas depois, ao fazê-los, era sempre, como na primeira vez, uma surpresa, uma ignorância curiosa, um receio tímido, uma insegurança doce, um pasmo juvenil, uma alegria nova, um encantamento frenético; era como na primeira iniciação, mas sem a perplexidade e a decepção de o amor não ser mais do que isso, quando a virtude do amor não está em ser mais do que é, mas em ser o prazer de não ser isso mesmo.

Novamente ergueu os olhos para a varanda fronteira. As crianças não estavam lá, e o homem, curvado para a escudela, comia o seu caldo. Aquele mistério da Encarnação”

Armando estava agora a negro, vestido de negro, olhando os cadernos da sua consumação final e regressava ao processo, lembrava-se de outro tempo, quando elias moura lhe tinha mostrado o livro preclaro e ignorado por todos, quando era único o sonho e múltiplas as vontades que aquela figura maior da ficção antiga, Blimunda, atravessando lugares esconsos e insalubres, essa cidade de invernos lamacentos depois da revolução dos escravos, em 74, trazia a estrela maior dos seus olhos e exortava a que todos fossem admiradores da liberdade interior a mais difícil arte de manter e de proteger com a força de leis feitas por honestos corações livres e admirativos de quanto sagra a poesia desse a que regressamos sempre CAMÕES, assim dizia armando chamando-o, num torvelinho de cegueira de convulsão após dizer alto e bom som aquele trecho dum outro danado da pátria perseguido pelos

- homens de lábios finos
- homens de vozes cândidas
- homens tão moralistas
- homens sempre sorrindo
- homens sempre hipócritas
- homens de 2050, esses que nasceram no tempo da REAL CONGREGAÇÃO COMPUTACIONAL ARREGIMENTADORA DE ACÉFALAS COBAIAS E CIDADÃOS OBTUSOS

Armando, estás só, extremamente só, no cabo do mundo e dizes, acabando de ler o processo de aónio:

Disse mais que, haverá quatro anos, na vila de Santa Marinha, bispado de Coimbra e casa de Gonçalo Madeira, LEITOR -NOVO, trapeiro, casado não sabe com quem, nem de quem seja filho, nem donde natural, se achou com o mesmo e com um filho deste chamado António Madeira, LEITOR-NOVO, trapeiro, casado não sabe com quem, nem donde natural, mas moradores na dita vila de Santa Marinha, e não sabe que fossem presos, nem apresentados, e estando todos três, por ocasião de falarem na LEI DOS LIVROS entre práticas se declararam e deram contra

Armando só, completamente só, em 2050, dizendo furiosa e ritmicamente versos, papéis, coisas de outro tempo, assim, contra o tempo de fantasmas em que se achava:

*Esta é a ditosa pátria minha amada. Não.
Nem é ditosa, porque o não merece.
Nem minha amada, porque é só madrasta.
Nem pátria minha, porque eu não mereço
a pouca sorte de ter nascido nela.*

*Nada me prende ou liga a uma baixeza tanta
quanto esse arroto de passadas glórias.
Amigos meus mais caros tenho nela,
saudosamente nela, mas amigos são
por serem meus amigos, e mais nada.
Torpe dejecto de romano império;
babugem de invasões; salsugem porca
de esgoto atlântico; irrisória face
de lama, de cobiça, e de vileza,
de mesquinhez, de fátua ignorância;
terra de escravos, cu pró ar ouvindo
ranger no nevoeiro a nau do Encoberto;
terra de funcionários e de prostitutas,
devotos todos do milagre, castos
nas horas vagas de doença oculta;
terra de heróis a peso de ouro e sangue,
e santos com balcão de secos e molhados
no fundo da virtude; terra triste*

*à luz do sol caiada, arrebicada, pulha,
cheia de afáveis para os estrangeiros
que deixam moedas e transportam pulgas,
oh pulgas lusitanas, pela Europa;*

Armando dizendo alto e sonoramente um perseguido de sempre, um leproso a quem ninguém queria ouvir a verdade manifesta, ali, armando no seu andar de águas-furtadas, assim repetia:

*terra de monumentos em que o povo
assina a m erda o seu anonimato;
terra - museu em que se vive ainda, terra triste
à luz do sol caiada, arrebicada, pulha,
cheia de afáveis para os estrangeiros
que deixam moedas e transportam pulgas,
oh pulgas lusitanas, pela Europa;
terra de monumentos em que o povo
assina a m erda o seu anonimato;
terra - museu em que se vive ainda,
com porcos pela rua, em casas celtiberas;
terra de poetas tão sentimentais
que o cheiro de um sovaco os põe em transe;
terra de pedras esburgadas, secas
como esses sentimentos de oito séculos
de roubos e patrões, barões ou condes;
ó terra de ninguém, ninguém, ninguém:*

*eu te pertença. És cabra, és badalhoca,
és mais que cachorra pelo cio,
és peste e fome e guerra e dor de coração.
Eu te pertença: mas ser's minha, não.*

.....

Armando que te direi? Que estamos em 2050, que tudo isto parece inodoro e incolor, eficiente e bom, mas tu sabes e eu sei, estava escrito naquele livro que ninguém leu, esse mesmo que tu escreveste em 2045 depois de mortos os teus mestres e escreveste em jeito de aviso e profecia, lembras-te?

PAÍS REAL

(Serra da Luz)

*Mas se vivemos, emparedados,
No vale escuro das muralhas!*

Cesário Verde

Por estes montes e vales os prédios essa miragem são casebres que gritam de sons carnis as horas multiplicadas da pobreza Foi numa noite de intempérie interior que escutaste o apelo dos fantasmas que na cidade ninguém quer ouvir e quiseste trazê-los à luz, sem metáforas, só imagens: 1) uma colina que descia valas comuns de agulhas injectadas heroína nas veias dos pretos traficantes dos ciganos de olhos finos olhares de coruja como dois escarros eram os de uma velha de seios pendurados e unhas podres de tojo no país real o de camões enterrado ele também depois de sifilítico numa cova e vim encontrá-lo no rosto dum velho altaneiro que profetizava o futuro de dois mil e vinte e oito e era o verso estendendo-se por sobre a luz daquela serra seus casebres inflamados de doenças tão incógnitas 2) Mulheres passando a faca em seus lábios e esventrando os filhos por não serem já capazes de lhes dar comida à boca comida para o corpo País real custo de vida em telhados rotos em pulmões que tossificam e cospem sangue e são a imagem exacta como exacto que nenhum político irá jamais reconhecer – que falhámos por dentro e a miséria é moral e é esgotante a céu aberto fossas e esgotos na serra da luz o táxi descendo uma rua numerada com casas de tijolo amontoadas e é à boca de lisboa que vemos o heroísmo de quem persiste no valor de haver trabalho honesto um mecânico arranjando o carro o motor que vociferava o código mortal do desencanto tão igual à fala dos homens brancos portugueses de banho não tomado, sujos nas mãos e braços e rostos cavernosos, esqueléticos com o sinal do desemprego tão estampado que os olhos são buracos de tristeza e cada arrancada de fumo pelos dentes estragados é um gesto lusíada tão marítimo fazendo lembrar a quem se lembre que fomos um dia a raça ruiva do porvir e o porvir para sempre essa serra da luz onde angolanos moçambicanos guineenses são-tomenses portugueses e ciganos irmanados na dor de serem ao sol deste país os mais pisados são os únicos que sabem de que é feita a vida e eu descia envergonhado protegido no carro verde e

preto e só lembrava um verso do assis pacheco que ecoava e me dizia que ao griso de janeiro Portugal estava ali como as putas numa avenida de cansaço

PAÍS REAL 2

(Bairro da Boavista, Agosto)

Vem profecia vem cumprir-te e traz às vidas essa ideia antiga de haver casa e pão e liberdade num país onde flores rebentaram em espingardas naquela madrugada tão esperada que ninguém sonhou que houvesse serra da luz bairro de angola e Boavista e horta nova e padre cruz e fontainhas venda nova e colina do sol bairro da estrela e dos pescadores e cova da moura e ainda tudo onde a humanidade insiste em ser humana que há nos demais focos de infecção por onde os cães da exploração salivam nas suas palavras ocas o selvático modo de armadilhar as nossas vidas através das televisivas e computacionais redescobertas o heroísmo de quem labuta sempre Deploro os cães do poder esses que nos convidam a sermos servidores de servidões e escravidões vastíssimas sem podermos imaginar outra realidade nesta triste pobre (por onde passam idosos drogados desempregados subsídio-dependentes putas estudantes de dia e de noite vampiríticas mordazes jovens adolescentes que de nada sabem a não ser de mil e uma forma de indigências – herança que lhes demos) cidade armadilhada por onde se esvai di-lo camões a vida

PAÍS REAL 3

(Bairro da Horta Nova)

É preciso conhecer entrar para dentro das casas e ver a luz negra que das bocas sai sempre que o idioma é já estrangeiro e nos olham como excêntricos animais numa outra fauna e de outra flora aqui entramos no mês de abril e vi as portas cerrarem-se e um verso na cabeça como um espinho eu vim de longe e vou p'ra longe p'ra muito longe e a certeza de que as asas do condor estavam abertas para migrar para sempre migrar e nunca mais voltar aos céus obscuros deste país perdido deste não sentido deste olvido País real traído tão traído que é impossível continuar o canto em terra árida em terra já estrangeira

Pára coração, não penses! Oiço

Deixa o pensar na cabeça

Mas desço mais fundo no beco aberto do abjecto real crucificado aqui na horta nova velhas casas prédios esventrados olhos esgazeados cheirando cola as crianças e hoje nos ecrãs a seca imaginação a árvore exaurida das imagens refém disso

: Os tubarões do progressismo.

RETRATO VÓS NÃO SOIS MEU

Quando regresssei aqui aqui pude morrer um pouco mais que esta é a terra onde se mata à força de destruírem os sonhos de quem sonha e de quem escreve e dedica à arte real a sua realidade inteira a sua própria extrema-
unção a sua forma de sacrar a língua e de resistir à perfídia dos grandes capitalistas das palavras como disse sophia que eles, os governadores, eram em todos os tempos e quis então o fado que um pintor meu retrato fizesse por desagravo e porque era preciso a efigie de uma imagem para sempre signo e sinal e senha e passagem para outro rosto Assim se fez o condor deste tempo de voos baixos e era um retrato da poesia que se não pode jamais reencontrar a não ser em grutas onde o canto permanece oculto e guardado pelos últimos que sabem dessa espessura ôntica, isto é, oceânica, uma vocação, a do retrato, feita de perícia e

- a) Os olhos eram dum verde-negro assim tomados por densa luz nocturna, condor de voo altíssimo perante a dor que era saber-se mais do que o retrato e frontispício;
- b) A cara morena severa fronte a sinalizar da ave o condor que em si havia, especular, especulativo;
- c) A boca densa de morder e de beijar às ocultas a língua suprema dum português perdido;
- d) E Fernão Gomes foi quem aqui traçou, sem se esquecer nas duas palmas da mão os sinais negros, chagas de não sabemos que oculto cristo, destino e destinação.

Armando não se lembra. Sentou-se depois de ler em voz alta a sua excomunhão. Ouviram-no os vizinhos. Foram dar com ele, aberta a porta do seu andar tão pobre, com horóscopo e papéis, processos antigos e um livro por escrever, assim na mão, dependurados, como a lira nos salgueiros.

No luar que subia um poema ficou, ali perdido, depois que fecharam a porta e armando, morto, desanimado, português tão vivo, sapateiro antigo e fiel de armazém, levado num drone de última geração para a GRANDE VALA COMUM DOS POBRES TODOS, a todos foi figura esquecida e a que só a uma criança, Margarida, lembrava, pois que ela, no último instante de levarem aquele velho que ouvia no café virtual, contra conselhos de seus pais, num papel tinha pegado que dizia:

ERROS MEUS MÁ FORTUNA AMOR ARDENTE

Erros meus má fortuna amor ardente
Eros meus fortuna ardente amor tão cego
Em minha perdição se conjuraram
Que para mim bastava amor somente
Eros sobre eros erros sobre ecos me deixaram

ARMANDO, SAPATEIRO E FIÉL DE ARMAZÉM
Aos 25 dias de abril de 2050